

Por que Orar?

David Martyn Lloyd-Jones

“Jesus falou assim e, levantando seus olhos ao céu, disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti.” — João 17:1

Devo examinar uma vez mais João, capítulo 17, num sentido mais ou menos geral, não tanto do ponto de vista sob o qual já o consideramos, mas, antes, para ver que este capítulo e esta oração têm algumas lições para ensinar-nos acerca do assunto geral da oração propriamente dita. Às vezes penso que não há, talvez, nenhum assunto, ligado à vida cristã, que cause a tanta gente a perplexidade que este causa; penso que todos nós entendemos muito bem os sentimentos dos discípulos quando se voltaram para o nosso Senhor, em certa ocasião, e Lhe disseram “Senhor, ensina-nos a orar”, porque, por alguma razão peculiar, a oração tende a ser um problema para as pessoas. Penso que qualquer pastor de almas concordará comigo quando digo que esta questão de oração é das que sempre são levadas à sua atenção. Quem quer que leve a sério a vida cristã, provavelmente se preocupa com a sua vida de oração, e dificuldades e perplexidades muitos grandes freqüentemente rodeiam esta questão.

E óbvio que no espaço de um sermão não posso esperar tratar de todos os problemas; na verdade, não estou me propondo entrar em detalhes — isso exigiria toda uma série de sermões especificamente sobre a oração. Estou simplesmente interessado em juntar algumas lições gerais que, ao que me parece, desta ou daquela forma nos são ensinadas logo na superfície da oração do nosso Senhor registrada neste capítulo particular. Para que concentremos a atenção nisto, permitam que eu lhes exponha o ponto desta forma: entendo que há duas principais dificuldades que tendem a apresentar-se às pessoas quando meditam nesta questão geral da oração, e estas perplexidades em geral se devem a duas posições extremas, as quais têm sido assumidas por cristãos no passado, e ainda hoje por alguns.

Primeiramente, há a posição extrema daqueles que parecem não ter nenhuma dificuldade na oração, pessoas que dão a impressão de que não há nada tão fácil ou tão simples. Eles gostam muito de usar a frase “a oração muda as coisas”, e nos dão a impressão de que, seja qual for o problema deles, a resposta vem, e tudo fica bem. Eles estão certos e seguros de que ninguém deve estar com problema acerca destas questões, que a oração é a coisa mais natural do mundo, não envolvendo esforço algum, nenhuma dificuldade; eles a fazem com muita facilidade e falam levemente sobre ela.

Essa, penso eu, é uma posição que suscita problemas e indagações na mente de muitos outros cristãos que acham muito difícil conciliá-la com alguns dos claros ensinamentos das Escrituras. Aqueles amigos que acham a oração muito fácil parecem esquecer todas as condições que estão ligadas a todas estas promessas e a estas grandes ofertas. Há muitas almas que, tendo dado ouvidos a esse ensino e tendo tentado honesta e genuinamente pô-lo em prática, viram que a coisa não funciona assim com elas. Em consequência, decepcionadas, começam a questionar a bondade de Deus.

Questionam todo o ensino das Escrituras relacionado com a paternidade de Deus e com toda a questão da oração. Essa perplexidade surge de exageros da parte da particular escola que acabei de descrever.

Mas, por outro lado, há outra posição que é assumida por alguns e a qual também leva a toda espécie de dificuldades e perplexidades. Essa é a posição daqueles que mais ou menos negam o valor e a validade da oração. Seu argumento é que Deus conhece todas as coisas e que tudo o que acontece, acontece como resultando da vontade de Deus e, portanto, certamente, não adianta orar. Deus é onisciente, dizem eles. Ele sabe tudo; Ele é o soberano Senhor do universo; nada acontece nem pode acontecer fora da Sua vontade ou do Seu controle. E por isso eles questionam o propósito da oração. Essa é a posição às vezes descrita como determinismo. É uma atitude que considera a vida e tudo o que acontece neste mundo como fazendo parte de um processo rígido e hermético, e, evidentemente, se isso fosse verdade, não adiantaria orar. Além disso, há muitos que exageram tanto a doutrina da soberania de Deus, ou dela extraem deduções tão erradas, que tornam os que aceitam seus argumentos e seus ensinamentos quase incapazes de orar com algum sentimento de confiança e de certeza.

Aí estão, pois, as principais posições. Escolhi essas duas simplesmente porque são os dois extremos, mas muitas outras se acham entre elas. Levante-se, pois, a questão sobre como abordar isso tudo. Como tentar chegar à verdadeira posição quanto à oração, à luz dessas duas posições extremas que nos levam a tantos problemas e perplexidades? Bem, eu firmo como um princípio neste ponto — um princípio aplicável não somente a esta questão da oração, mas também a muitos outros problemas — que o que precisamos fazer numa situação como esta é evitar deixar--nos escravizar por nossas próprias teorias e idéias, e por nosso entendimento pessoal da verdade. No empenho por evitar esse perigo, devemos ir às Escrituras e examinar o claro e óbvio ensino da Bíblia com mente aberta, tão aberta e desapaixonada quanto nos for possível. Devemos fazer isso, repito, não só quanto a este problema da oração, porém quanto a qualquer outro problema que surja em nossa experiência espiritual. Há algumas doutrinas ensinadas com muita clareza nas Escrituras, mas então nos vemos contra algo que não podemos enquadrar

bem em nosso esquema doutrinário, e o perigo nesse ponto é nos fixarmos em nossa doutrina pessoal e tentar defender-nos em detrimento das Escrituras. Se encontrarmos um ponto que parece estar em conflito com a nossa clara compreensão da doutrina, parece-me que, provisoriamente, a essência da sabedoria será deixar a nossa doutrina em seu lugar. Não é que a negamos, apenas a deixamos no momento; voltamos às Escrituras e observamos o que elas, em toda parte, têm para dizer sobre essa questão particular. Depois tendo feito isso, procuramos relacionar este óbvio e claro ensino das Escrituras com a doutrina da qual estamos igualmente certos.

Esse é o tipo de coisa que devemos fazer com a questão geral da oração, e, afortunadamente, há uma grande riqueza de material à nossa disposição na Bíblia. Vou meramente selecionar alguns pontos dos quais podemos estar absolutamente certos, coisas que estão fora de dúvida e de incerteza. Não tenho a pretensão de poder resolver todos os problemas relacionados com a oração; há certas dificuldades aqui, como em muitos outros pontos concernentes à nossa relação com Deus, que talvez nunca vamos entender plenamente nesta vida e neste mundo. Mas é nosso forçoso dever ir tão longe quanto pudermos para entender o ensino.

O primeiro ponto óbvio é que é dado um lugar muito proeminente à oração nas Escrituras. Segundo as Escrituras, a oração é um importante e essencial elemento da vida piedosa. Na verdade, as Escrituras nos ensinam ativamente a orar, tanto por preceito como mediante exemplo. Somos exortados a orar; o nosso Senhor exortava as pessoas a fazê-lo. Ele dizia que os homens devem orar sempre e não esmorecer. Ele ensinou Seus discípulos a orar, e os concitou a não desistirem. Vocês poderão ver essa mesma coisa também nas Epístolas. “Perseverai na oração”, é seu argumento, sempre nos estimulando a orar. Ora, seja qual for a sua idéia da soberania de Deus e da relação do homem com Ele, vocês têm que levar em conta este óbvio e claro ensino das Escrituras, no sentido de que a oração deve constituir uma parte importante da vida de toda e qualquer pessoa piedosa deste mundo.

Além disso, não é só mediante preceito que recebemos ensino sobre a oração. Também o recebemos mediante exemplos. Se vocês lerem o Velho Testamento, verão que os patriarcas falavam com Deus e conversavam com Ele — isso é oração. Examinem os Salmos; na maior parte, são orações. Considerem, por exemplo, o Salmo 74; é típico dos salmistas e de como estes homens oravam a Deus. Depois vocês podem ver as orações dos livros proféticos; o fato é que vocês as têm em toda parte no Velho Testamento. Também vêm os apóstolos orando, porém, acima de todos, como constatamos neste grande capítulo, o nosso Senhor mesmo orava, e todos estes fatos nos concitam a orar. Vemos, então, que a Bíblia nos ensina a orar, concita-nos a orar, e num sentido pleiteia conosco que oremos.

Mas eu posso fazer uma segunda dedução, também ensinada claramente nas Escrituras: quanto mais santificada é a pessoa, quanto mais piedosa, mais tempo passa em oração. Tomem qualquer exemplo que quiserem nas Escrituras, e o verão absolutamente invariável. Com efeito, se eu e vocês discutíssemos princípios gerais, poderíamos chegar à conclusão oposta. Poderíamos considerar um homem muito piedoso por sua vontade conformar-se à vontade de Deus, por meditar nestas coisas e porque o seu supremo desejo é viver para a glória de Deus. Bem, vocês poderiam dizer, tal homem teria muito menos necessidade de orar do que qualquer outro, mas não é o caso. Observem os mais destacados homens e mulheres piedosos, quantas vezes ocorre que eles passam muito mais tempo em oração do que qualquer outra pessoa. Eles não ficavam apenas esperando passivamente que a vontade de Deus fosse feita; não, ao contrário, mais do que quaisquer outras pessoas eles procuravam conversar com Deus. E quando vocês forem ler a história da Igreja através dos séculos, encontrarão a mesma coisa. Pertença à igreja católica romana ou à Igreja Protestante, a marca distintiva do santo é que ele é um grande homem de oração. João Wesley costumava dizer que ele tinha uma pobre opinião do cristão que não passa ao menos quatro horas em oração todos os dias, e essa é tão-somente uma declaração típica dos proeminentes servos e servas de Deus ligados à Igreja através dos séculos.

No entanto, e isto naturalmente nos traz diretamente a João, capítulo 17, a coisa mais importante e mais notável de todas é o fato de que a oração desempenhou um papel muito importante na vida do nosso Senhor. Pois bem, eu pergunto se alguma vez paramos para meditar nisso. Naturalmente, nós todos sabemos que Ele orava. Dizemos que já lemos os Evangelhos e que sabemos disso desde a nossa infância. Mas não estou falando de um conhecimento intelectual do fato, estou perguntando se já entendemos esse fato e se meditamos nele, porque, quanto mais vocês pararem para pensar nisso, mais verão que uma das coisas mais estupendas das Escrituras é o fato de que o Senhor Jesus Cristo sempre orava. O fato é, porém, que Ele orava, e não apenas orava, mas orava constantemente; na verdade se vê que Ele orava durante longos períodos. Certa ocasião Ele passou a noite toda em oração — o Filho de Deus orando durante a noite inteira! Constantemente nos é dito que Ele Se levantava bem antes do raiar do dia e subia a um monte nalgum lugar para orar.

Os Seus discípulos sempre notavam que Ele estava orando, e em certo sentido foi essa uma das coisas que os moveram a pedir-lhe: “Senhor, ensina-nos a orar”. Eles achavam que Ele estava fazendo alguma coisa que eles não entendiam bem; eles se perguntavam qual seria o motivo do deleite e prazer que Ele sentia no ato de orar, e por que isso significava tanto para Ele. Os discípulos não podiam dizer que se sentiam como Ele. Mas sabiam que não havia ninguém como Ele. Eles viam algo em Seu semblante e em Seu

proceder, viam os Seus milagres, e diziam: ah, certamente há algo nessa vida de oração; oh, se pudéssemos ter isso!

Eles notavam especialmente o fato de que Ele sempre orava muito, e de maneira excepcional, em tempos de crise e em tempos de grande importância. Lembrem-se de que foi antes de escolher Seus doze discípulos que Ele passou a noite toda em oração. Essa era uma decisão muito importante e vital, e por isso Ele passou a noite toda em oração a Deus antes de selecionar estes homens. Houve outra ocasião em que Ele orou desse modo; lemos sobre isso em João, capítulo 6. Ele acabara de alimentar os cinco mil, e algumas dessas pessoas ficaram tão profundamente impressionadas que chegaram à conclusão de que Ele era o Messias e que deviam levá-LO a Jerusalém e coroá-LO rei. Todavia, quando o nosso Senhor viu que iam tomá-LO à força e fazê-LO rei, subiu a um monte, sozinho, e ali ficou em comunhão com Deus e orou a Ele. Foi um dos momentos críticos da Sua vida e da Sua experiência. Ali estava uma grande tentação — Ele já a enfrentara no deserto — para que introduzisse o Seu reino num sentido político e humano, e a tentação foi tão forte que Ele Se retirou sozinho para ficar com Deus em oração.

Vocês podem vê-LO fazer isso também junto ao túmulo de Lázaro. Essa foi também uma ocasião momentosa, tremenda — Ele ia ressuscitar o morto — então orou e deu graças a Deus porque sabia que Deus ouvira Sua voz, e sempre a ouvia. Depois por certo vocês se lembram de que Ele orou quando tinha subido para Jerusalém para enfrentar a cruz — vocês vêem isso registrado em João 12:27,28 — e também O vêem orar no Jardim do Getsêmani, estando Ele a orar ao Pai numa agonia que produziu suor que escorria em gotas de sangue. Temos depois esta grande oração sacerdotal, em Suas últimas horas com os Seus discípulos antes de ir concluir a obra na cruz, e aqui Ele ora audivelmente na presença deles.

Que será, então, que tudo isso nos ensina? Poderíamos muito bem passar muito tempo deduzindo certas coisas acerca da Pessoa do nosso Senhor. Não vamos fazer isso agora, porém devemos ao menos notar que isso tudo nos diz muita coisa sobre Ele. Se alguma vez você tiver dificuldade sobre a encarnação, só esta oração, a oração da vida do nosso Senhor em geral deveria colocá-lo imediatamente em paz, e mantê-lo em paz. Ele é verdadeiramente homem. Não é o caso de Deus numa espécie de corpo de fantasma, não é uma teofania, é a encarnação, a Palavra feita carne e habitando entre nós. Ele é verdadeiramente Deus, sim, mas é verdadeiramente homem. Aqui vocês começam a entender do que é que Paulo fala em Filipenses, capítulo 2, quando diz: “Ele esvaziou-se” (ver a Versão Revista Inglesa, “RV”). O que Paulo quis dizer é que, enquanto esteve aqui, na terra, o nosso Senhor não fez uso dos Seus poderes como Deus. E, porque viveu

como homem, a oração Lhe era essencial — nem mesmo podia seguir adiante sem oração. Noutras palavras, Sua vida de oração nos ensina o que Ele muitas vezes disse de Si mesmo, que dependia inteiramente de Seu Pai. Disse Ele: “As palavras que eu vos digo não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras” (João 14:10).

É isso que é estupendo acerca da vida do nosso Senhor. Aqui Ele é verdadeiro Filho de Deus e homem perfeito, e, por assim dizer, recebe todas as Suas ordens de Deus. Deus Lhe dá as palavras que deve falar, Deus Lhe diz o que fazer e Lhe dá poder para fazê-lo — por isso Ele orou antes de chamar os Seus discípulos. Ele buscou Deus para receber luz e direção, homem perfeito, porém na completa dependência de Seu Pai. Como Deus, Ele não tinha necessidade de orar. Como Deus, Ele era co-igual a Deus, era onisciente e todo-poderoso, mas aqui, na terra, nós O vemos em Seu verdadeiro papel, o mediador, o Deus-homem. E quando O observamos enquanto ora, vemo-LO ali como o mediador adrede designado, Aquele que foi enviado por Deus para realizar certa obra e completá-la na terra em nosso favor. Portanto, observar o nosso Senhor enquanto ora é talvez uma das portas mais maravilhosas de entrada ao grande mistério da Sua bendita Pessoa. Reitero que, se houver alguém em dificuldade acerca da Pessoa de Cristo, acerca do Deus-homem, oh, simplesmente observe-O quando Ele está orando, e você terá que incluir isso em sua doutrina sobre a Pessoa dEle. São muitos os que pensam nEle somente como Deus que estivesse usando uma espécie de roupa de carne. Isso é um erro, porque, se Ele fosse somente Deus, não teria necessidade de orar. Não, devemos insistir em Sua humanidade também — Deus-homem.

A seguir eu quero também extrair algumas deduções mais gerais acerca da oração propriamente dita, e penso que podemos extraí-las muito definidamente dos pontos que estabeleci. Observem os patriarcas, observem o rei Davi, observem os profetas, todos orando, e, quanto mais santos eram, mais oravam. Observem os apóstolos, vejam-nos orar, e, acima de todos, observem o Filho de Deus em oração. Então, que é oração? Qual será a explicação disso tudo? Sugiro que temos que, inevitavelmente, chegar à conclusão de que, para o cristão, para o homem de Deus, a oração é algo natural e quase instintivo; a oração é algo que expressa muito bem a relação entre o filho e o Pai. Pois bem, acho isso um argumento muito importante. Mostrem-me um homem que não ora muito, e eu lhes direi qual é o real problema desse homem. É que ele não conhece Deus, não conhece Deus como seu Pai. Esse é o problema. O problema não é que ele não é um homem de boa moral, ou que não é um bom homem. Ele pode ser altamente moral, pode ser muito fiel na obra da Igreja Cristã, pode ser que não haja nada que ele não esteja disposto a fazer, porém, se não ora, digo-lhes que o problema desse homem é que ele não conhece Deus como seu Pai. Pois os que conhecem Deus melhor são os que falam mais com Ele.

Não há necessidade de provar uma coisa como essa — o filho pequeno sempre fala com seu pai. Vocês já não notaram muitas vezes que o filho de um grande homem fala com ele livremente, ao passo que outro homem fica nervoso na presença dele? Não se dá isso com o filho; ele lhe fala livremente, porque conhece a relação e assim fala com seu pai. E é por isso que as pessoas mais santas são as que mais oram; é por isso que o Senhor Jesus Cristo orou mais que ninguém, porque Ele conhecia Deus como ninguém mais O conhecia. Essa é, então, a maneira de abordar esta questão de oração. Todo o problema das pessoas que estão em dificuldades sobre a oração é que começam pelo fim, e não pelo começo. Não se começa pelo desejo de obter respostas, e sim pela adoração, e é porque nos esquecemos deste importantíssimo ponto que tendemos a entrar nessas perplexidades. Orar é a coisa óbvia, natural, para o filho fazer, e não há nada que expresse mais eloqüentemente ou mais convincentemente a relação do homem com Deus como a oração. Essa é a primeira coisa. Assim, pois, eu penso que os santos e, supremamente, o nosso Senhor, oravam a Deus primariamente, não para pedir coisas, mas para firmar seus corações e para manter contato com Deus, e assegurar-se do seu contato e da sua comunhão com Deus.

A nossa idéia geral da oração é falsa. Pensamos na oração só como meio de orientação e de pedidos. Bem, se vocês tivessem que pôr esse conceito em prática nas relações humanas, vocês considerariam isso ultrajante. Não, o que o santo quer saber acima de tudo é se tudo está bem entre a sua alma e o Pai. Não há nada em que o crente mais se deleite do que em conhecer Deus como seu Pai. Ele gosta de manter contato e comunhão com Ele, de firmar seu coração diante de Deus e na presença de Deus. O santo acha-se neste mundo difícil, há tentações que lhe vêm de fora, o mundo inteiro está contra nós, e o santo é tentado — às vezes quase se desespera. Então ele vai imediatamente a Deus, não para pedir isto e aquilo, mas simplesmente para certificar-se de que está tudo bem, de que o contato não foi rompido e continua perfeito, para que ele possa firmar seu coração e saber que está tudo bem.

É isso que o nosso Senhor está fazendo em João, capítulo 17, e é isso que sobressai mais vezes nesta oração. O nosso Senhor está firmando o Seu coração na presença de Seu Pai. Já vimos que Ele fez isso quando estava ressuscitando Lázaro dos mortos; na verdade ele colocou isso em palavras para nós: “Tiraram pois a pedra. E Jesus, levantando os olhos para o céu, disse: Pai” — Ele está orando — “graças te dou, por me haveres ouvido” — Ele está sempre seguro em Seu coração — “Eu bem sei que sempre me ouves, mas eu disse isto por causa da multidão...” (João 11:41,42). Ele simplesmente Se volta para Deus, Ele sabe que está tudo bem, mas está firmando o Seu coração na presença de Deus.

Permitam-me colocar as coisas nestes termos: os santos sempre oravam a Deus, e o nosso Senhor o fazia supremamente, porque eles criam no poder de Deus, criam na capacidade que Deus tem de ajudar, e, acima de tudo, porque criam na disposição e prontidão de Deus para ajudar. Isso é tremendamente importante. Eles, dentre todos os demais, conheciam o poder de Deus, sim, mas o mundo e suas tribulações tendem a abalar a nossa confiança nEle, e não há melhor maneira de lembrar-nos do poder e da grandeza de Deus, da Sua capacidade e prontidão para ajudar, do que buscá-LO e falar com Ele; por isso os santos sempre se refugiam na oração. “Torre forte é o nome do Senhor; para ela correrá o justo, e estará em alto retiro” (Prov. 18:10). Noutras palavras, o santo recorre depressa a Deus em oração e se lembra destas coisas.

Em muitos aspectos a oração é a suprema expressão da nossa fé em Deus e da nossa fé e confiança nas promessas de Deus. Não há nada mais que o homem faça que proclame tanto a sua fé como quando dobra os joelhos e olha para Deus e fala com Deus. É uma tremenda confissão de fé. Quero dizer com isso que ele não corre levando apenas súplicas e petições, mas, se realmente espera em Deus, se realmente olha para Deus, ele diz: “Sim, eu creio nisso tudo, eu creio que Tu és o galardoador dos que Te buscam, diligentemente, eu creio que Tu és o Criador de todas as coisas, e que todas as coisas estão em Tuas mãos. Sei que não há coisa alguma que esteja fora do Teu controle. Venho falar conTigo porque estás em tudo isso e eu encontro paz, repouso e tranqüilidade em Tua santa presença, e agora Te dirijo esta oração porque és o que és”. Essa é a abordagem geral da oração que você encontra no ensino das Escrituras.

E, finalmente, posso dizê-lo desta maneira, que é evidente que os santos e o nosso Senhor oravam a Deus com o fim de descobrirem a Sua vontade. Eles estavam muito mais interessados em descobrir a Sua vontade do que em seguir seu próprio caminho e em que se fizesse a sua própria vontade. “Ah”, eles diziam, “o que importa nesta conjuntura é saber qual é a vontade de Deus”, e por isso queriam estar na Sua presença. Se vocês lerem as maravilhosas orações dos santos, como a que temos em Daniel, capítulo 9, por exemplo, vocês aprenderão muita coisa sobre como orar. O profeta não entendia bem o que Deus estava fazendo. A coisa toda o deixava perplexo, e ele foi ter com Deus e Lhe falou a respeito daquilo tudo. Disse a Deus algumas coisas das quais estava certo e depois praticamente disse: “Não entendo bem isso, mas eu quero fazer a tua bondosa vontade e entender o que estás fazendo”.

Jeremias fez exatamente a mesma coisa. Deus lhe disse que fosse comprar um determinado campo (Jer. 32:7, ARA). A primeira reação de Jeremias foi que isso era impossível, porque Deus também lhe estava dizendo

que os filhos de Israel iam ser levados para um cativeiro. Se isso havia de acontecer, que adiantava comprar um campo? Mas depois ele se lembrou do grandioso caráter de Deus e, lembrando-se disso, disse, com efeito: “Esclarece-me em minha perplexidade, permite que eu veja o que estás fazendo, explica-me Tua santa vontade”.

Chegamos agora ao ponto no qual podemos deduzir algumas conclusões gerais, e aqui estão elas: seja o que for que eu não entenda acerca da oração, penso que agora entendo isto: Deus decidiu realizar Sua obra neste mundo dessa maneira, por meio de pessoas que oram. Ele não precisava disso, podia realizá-la sem elas, porém está perfeitamente claro que Deus ordenou e decretou realizar Sua obra no mundo por intermédio de homens e mulheres como eu e vocês, e por intermédio das suas orações. Ele nos chama à oração. Insiste conosco que o façamos e depois nos responde às orações — se bem que poderia tê-lo feito sem nossas orações.

“Ah”, alguém dirá, “é isso que eu quero saber — por que Ele faz isso?”

Meus diletos amigos, quem pode responder tal pergunta? Eu não posso, mas dou graças a Deus que Ele age dessa forma. Não sei porque Ele preferiu agir assim, entretanto eu sei que Ele o faz. Esse é Seu método, e eu o aceito. E sou grato por esta razão: é dessa maneira que Ele Se revela a nós. Leiam sobre a oração nas Escrituras, e especialmente observem estas pessoas em oração, e o próprio Senhor, e penso que vocês verão que, como resultado da oração, todas estas pessoas vieram a conhecer Deus melhor do que jamais O teriam conhecido sem isto. E desta maneira que Deus Se nos mostra e nos revela a Sua paternidade. Há, por exemplo, esta circunstância difícil na qual acaso me encontro. Não sei o que fazer. Inclino-me a tornar-me infeliz e a ficar em condições miseráveis. Todavia, então eu recorro a Deus, espero nEle, e Ele começa a mostrar-Se e a mostrar o Seu propósito a mim; Ele Se revela a mim. Se você não tem aprendido mais sobre Deus por meio da oração, há algo errado em sua vida espiritual. É aí que Ele nos ensina coisas e desta forma leva adiante a nossa fé. Assim, pois, sendo esta uma das maneiras pelas quais Deus Se revela à humanidade e leva a efeito os Seus propósitos, todo o problema e toda a questão da onipotência de Deus são removidos. Vocês nunca devem ficar perplexos por isso. Deus escolheu esta forma de realizar coisas, pelo que a Sua onisciência não deve constituir problema. E de igual modo eu posso dizer que isso de maneira nenhuma afeta a soberania de Deus. Essa é uma das maneiras pelas quais Deus manifesta a Sua soberania. Não há conflito entre a soberania de Deus e a oração, pois foi o soberano Deus que decidiu realizar Sua obra neste mundo por meio de homens e mulheres que oram. Longe de serem contraditórias, ambas trabalham juntas.

E, finalmente, podemos fazer algumas maravilhosas deduções práticas deste ensino, especialmente deste capítulo. O supremo objetivo da oração deve ser glorificar e engrandecer Deus, e é por isso que sempre devemos começar por adorá-IO. A oração modelo faz isso: “Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino...”. Não é: “atende este meu pequeno pedido...”. Não, você começa pela adoração. É a relação pessoal; você ora porque gosta da pessoa, porque você quer mostrar seus respeitos a essa pessoa, porque se deleita em estar na presença da pessoa — essa é a essência da oração.

Podemos depois extrair outra coisa como dedução prática — e sou agradecido por isso — é que Deus Se deleita em ouvir coisas que Ele já sabe. Dirijo-me a certos intelectuais que gostam de caçoar das pessoas que em suas orações contam certas coisas a Deus. Vocês terão ouvido a crítica. Mas dizer a Deus o que Ele sabe é uma parte essencial da oração. Leiam a Bíblia, e verão, por exemplo, João dizer a Deus coisas que Ele já sabia. Os escritores dos Salmos faziam a mesma coisa — por quê? Porque Deus é Pai. Deus não é uma máquina, se podemos falar assim, com reverência. Ele é nosso Pai, e como Pai Ele Se deleita em ouvir estas coisas ditas por Seus filhos. É Seu propósito que nós Lhe falemos; portanto, não tenhamos medo de dizer a Deus coisas que Ele já sabe. Não diga: “Deus é onisciente, e, visto que Deus conhece todas as coisas, devo simplesmente esperar em Sua presença”. Não, diga-Lhe estas coisas, Ele gosta de ouvir, Ele quer estar em comunhão com você. Ele Se deleita em Seu companheirismo com você.

A próxima coisa que eu gostaria de dizer é que o nosso objetivo na oração nunca deve ser o de mudar o coração ou a vontade de Deus. Jamais há necessidade de fazer isso, pois, se vocês pensarem que precisam mudar o coração de Deus, estarão insultando Deus. A vontade de Deus é sempre perfeita, e Ele é um Pai amoroso. Antes, venham a Ele para descobrir a Sua vontade, para ver que ela é reta e para regozijar-se nela — esse é o objetivo da oração. Mas isso não significa que vocês não Lhe levam os seus pedidos. De novo, como seu Pai, Ele espera que vocês façam isso e quer que o façam; Ele está pronto a ouvir suas súplicas e petições.

Digam-lhe, pois, tudo sobre elas. Façam o que estes homens faziam e o que o nosso Senhor fez no Jardim do Getsêmani — “Se é possível... todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres”. Faça conhecidas as suas petições, conte-Lhe os seus desejos, mas sempre diga imediatamente: “Eu sou tão pequeno e finito! Não entendo. Eu gostaria disto, mas, se não for da Tua vontade, bem, não pedirei; fico contente com a Tua vontade, qualquer que seja” — uma atitude de completa resignação. Se você começou retamente a sua oração, terá começado glorificando Deus e dizendo: “Santificado seja o teu nome; venha o teu reino, seja feita a tua vontade”, e assim por diante, e

você já estará dizendo: “Ó Deus, o meu desejo supremo é que a Tua vontade seja feita em mim como no mundo inteiro”. Dessa forma, quando for apresentar as suas petições, você estará preparado para dizer: “Se esta for a Tua vontade”. Eu recebi do Filho de Deus, o Senhor Jesus Cristo, a autoridade para afirmar que sempre devemos dizer: “Se esta for a Tua vontade”. É a vontade *de Deus* que tem que ser feita; portanto, faça-Lhe conhecidos os seus pedidos e desejos, mas sempre se sujeitando completa e absolutamente à vontade de Deus.

E o último ponto de que trato é que alegações, argumentos e solicitações são perfeitamente legítimos na oração. Vocês têm observado estes homens de Deus quando estão orando? Eles sabiam que Deus é onisciente, sim, e, no entanto, não só faziam suas petições a Ele, mas também pleiteavam com Ele. E o que eu gosto de ver acima de tudo mais é a maneira como eles argumentavam com Ele. Moisés, por exemplo, fazia isso. Certa ocasião ele desceu do Monte e encontrou o povo em rebelião, e quando viu que Deus ameaçava rejeitar Seu povo e deixá-lo entregue aos seus desejos, Moisés disse a Deus: não podes fazer isso. Vejam também o homem do Salmo 74, que praticamente diz: “Senhor, por que permites que os homens façam estas coisas?” Acredito que Deus, como Pai, Se deleita em ouvir tais alegações, arrazoados e argumentos. Esta flébil geração de cristãos parece que esqueceu aquilo em que os nossos pais costumavam deleitar-se quando falavam em “reclamar as promessas”. Eles não consideravam isso ofensivo. Eles não tinham nenhum tipo de falsa modéstia, porém sentiam que, em consonância com este ensino, tinham direito de ir a Deus, como fez o salmista, e lembrar-Lhe Suas promessas. Eles diziam: “Senhor, eu não entendo, sei que é imperfeição minha, mas estou certo destas promessas. Senhor, ajuda-me a ver como estas promessas se hão de relacionar com estas perplexidades”.

É, pois, perfeitamente certo pleitear com Deus; o nosso Senhor pleiteou com Ele. Nesta grande oração Ele argumentou com Deus apresentando-Lhe estas petições. Ele lembrou-Lhe Suas promessas, e Seu caráter. Acredito que Deus Se deleita nisto, como Pai, e quando nós fizermos estas coisas desta maneira, o nosso coração será tranquilizado diante dEle, e muitas vezes ficaremos admirados e estupefatos com as respostas que recebemos. Seja o que for que aconteça, a oração sempre nos colocará mais perto de Deus e nos fará mais ligados a Ele, se orarmos do modo certo e verdadeiro.

Temos, então, examinado juntos esta grande oração e algumas das grandes lições que são óbvias logo na superfície; queira Deus que as aprendamos e as executemos na prática. Meus caros amigos, pensem antes de orar. Compareçam à presença de Deus cientes de que Ele está no céu e que vocês estão na terra. Examinem estes grandes exemplos, e, acima de tudo,

examinem o seu bendito Senhor. Lembrem-se de que Ele sofreu contra Si mesmo a contradição dos pecadores, que Ele resistiu até ao sangue na luta contra o pecado, e que Ele orou com brados de agonia e com suor, e foi ouvido por causa da Sua reverência e do Seu santo temor, apesar de ser verdadeiramente o Filho unigênito de Deus.

Fonte: *Salvos desde a Eternidade*, Volume 1, D. Martyn Lloyd-Jones, Editora PES, p. 24-40.¹

¹ Compre esse excelente livro: <http://www.edificai.com.br/detalhe.asp?Codigo=1920&from=Monergismo>